"Moda e o redesenho do corpo: A nova sedução"

Nancy Moretti – Mestre em Moda Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac Santo Amaro, Doutoranda do Programa de Pós Graduação do Instituto de Artes - UNICAMP – Campinas -

Palavras Chave: Corpo; simulacro; moda; tratamento digital; erotismo

> "[...] desde a Renascença, o corpo do homem vem sendo progressivamente desvelado. Primeiro foi a pele, em seguida outras camadas, chegando-se aos músculos e tendões. Por fim, o crânio é aberto, pondo a nu o chamado "órgão da alma", "regulador central dessa máquina de ossos e músculos". O desenvolvimento das artes mecânicas abre-se para o mito do homem artificial,inspirado no homem-máquina de La Mettrie. Vaucanson constrói "anatomias moventes", reproduções mecânicas da respiração, da digestão, movimentos do corpo e até mesmo do mecanismo da circulação do sangue. Merleau-Ponty chega a evidenciar uma coincidência de interesses, no século XVII, entre o autômato, nas experiências científicas, e a perspectiva, nas artes: tanto o autômato como a perspectiva davam a ilusão de realidade. Depois de muitas experiências na anatomia, os séculos XIX e XX são dominados pela teoria celular na biologia e pela patologia celular na medicina. Por fim, a ciência decifra o código genético, e o século XXI entra de maneira irreversível nas biotecnologias. [...] Tudo caminha – principalmente o corpo – para o artifício. [...] observamos o início de uma substituição do Ser e de suas experiências de vida -, isto é, da antiga relação, em nós, da natureza e do espírito (espírito entendido como inteligência, potência de transformação) – por mecanismos implantados em nós" (Novaes, 2003, p. 8).

A representação do corpo humano sempre esteve presente na história da humanidade.

A curiosidade do homem em desvendar seu próprio corpo atravessa séculos e limites, possibilitando ser ele próprio um Deus, responsável pela concepção e transformação da própria vida.

Adentrando no campo das artes e da moda, o corpo também revela os modos de vida, comportamentos, entrelaçados na indústria da cultura.

> Segundo Stuart Hall (1997) nas sociedades contemporâneas, o individuo tem sua identidade descentrada diante da complexidade da vida social . Para o autor, assim como para Giddens (1997), as identidades que estabilizaram o mundo social por tanto tempo estão em declínio, devido o impacto pluralizante colocado pela modernidade. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções (CASTRO, 2003:20)

As identidades formam-se imbricadas aos segmentos de mercado e fica realmente difícil falar em originalidade, entretanto Simmel afirma que as semelhanças marcam as diferenças. O corpo vai tomando forma através da moda, das músicas, das mensagens que diversas tribos expõem. Diferente da conclusão de Lipovetsky que vê a aparência e a moda como instrumentos de autonomia num culto do hedoísmo e da pluralidade.

O corpo do século XXI esta sendo super valorizado através de sistemáticos processos de revitalização e rejuvenescimento como bronzeamentos artificiais, cirurgias plásticas, implantes de silicone, sofisticados tratamentos por complexos vitamínicos, descoloração e coloração dos cabelos e exaustivos exercícios de auto-modelagem tecnológica em equipadas academias, sem esquecer as progressivas e revolucionárias técnicas cirúrgicas de transplantes de coração, rins e outras partes do corpo como reimplantes de mãos,

pernas, próteses de todo tipo e as fantásticas e polêmicas descobertas genéticas na possibilidade de criação de clones do corpo inteiro.

Existe uma obsessão em ser desejado. Nossa animalidade, hoje, é revestida pela cultura das mídias que nos conferem um distanciamento abstrato e estéril do outro. Somos artificiais em nossa fala, em nossa gestualidade e na maneira como nos vemos em um espelho multiplicador de signos e de códigos morais. No entanto ardemos de uma instintiva chama de vitalidade: o desejo de ser desejado.

Nunca foi tão difícil despertar um desejo autêntico no outro, não aquele artificial e montado pelos programas de Photoshop e pelas revistas virtuais.

> O cyborg filosófico-sexual apresenta uma sociabilidade intríseca, que todavia não depende da intersubjetividade mas sim de uma relação de interfaces, que ocorre não entre dois sujeitos, mas entre duas quase coisas. Justamente desta reificação depende a efetividade a disponibilidade permanente da exitação: caso ela fosse natural, espiritual ou histórica, sua eficácia seria temporária e efêmera. Por outro lado tal artificialidade não é algo mecânico como um reflexo condicionado: a prótese sensiente, o equador da carne ou a redução receptiva provocam sempre excitação por razões culturais e filosóficas conexas com a experiência de ser uma coisa que sente com alienação implícita em tais plásticas, com a libido de entregar-se e agarrar ilimitadamente. (PERNIOLA, 2005: 53)

Chamarei de corpo imagético o que Perniola chama de cyborg filosófico-sexual podem despertar sensações de natureza sexual no sentido que a imaginação enquanto força de energia potencial e psíquica é capaz de criar através desses corpos irreais projeções, entrelaçamentos com corpos reais, permitindo habitar e sentir dentro da virtualidade .

Não é difícil entender porque imagens associadas à conteúdo erótico vendem, bens, produtos e serviços de maneira eficaz. As indútrias culturais contratadas para vender imagens, propõem imortalidade, para pobres mortais, juventude eterna para idosos e ainda esculpi corpos inatingíveis.

Segundo Bataille somos seres descontínuos mas desejamos a continuidade. Na morte que acontece a descontinuidade. O erotismo e a morte estão conectados. Temo essa nostaugia que através do outro podemos ser contínuos.

Mas em que momentos queremos ser o outro?

O imaginário tem a possibilidade de organizar um outro tipo de corpo. O próprio ato sexual , pode habitar um plano imaginário.

O erotismo tem a nostalgia da continuidade. Permite a construção de um outro corpo, ou seja alteração que fazemos com o corpo dos outros.

Como um corpo visto do plano da lógica se transforma um corpo erótico? Existe um território do imaginário onde habitam os corpos antípodas. Por exemplo, o que torna uma capa de revista Playboy erótica?

São os artifícios de imagem e o corpo construído, que nos estimulam.

Segundo Bataille, O erotismo é a chave que desvenda os aspectos fundamentais da natureza humana, o ponto limite entre o natural e o social, o humano e o inumano.

O erotismo é como a experiência que permite ir além de si mesmo, superar a descontinuidade que condena o ser humano à morte e o impulsiona à reprodução sexual.

E assim caminham as sociedades industriais, criando corpos imagéticos, com forte apelo sexual buscando justificativa no pensamento estético como potencial linguagem no contexto de um sistema de informação fortemente visual, interativo e em construção.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. Sistema da Moda. Lisboa, Ed. 70, s/d.

Bataille George “O Erotismo. Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987

BOURDIEU, Pierre- "Condição de Classe e Posição de Classe, in Hierarquias em Classes.org. Neuma Aguiar, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

CASTRO, Ana Lúcia De “Culto ao Corpo e Sociedade” São Paulo: Annablume editora, 2003

EMBACHER, Airton**.** Moda e Identidade: A construção de um estilo próprio. São Paulo: Ed.Anhembi – Morumbi, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo, Companhia das Letras, 1989

PERNIOLA, Mario “ O Sex Appeal do inorgânico”.tradução Nilson Moulin. São Paulo: Studio Nobel, 2005